



Aprendizados da segunda onda da covid-19 na Europa

Fernanda Soardi, assessora técnica em Genômica do Laboratório Lustosa

Estamos acompanhando a chegada da segunda onda de infecções pelo SARS-CoV-2 na Europa. A grande quantidade de novos casos e a adoção de estratégias mais restritivas são fatores de preocupação, inclusive para países que, como a Alemanha, durante a primeira onda, optaram por encarar de forma menos agressiva a doença.

Ao que tudo indica, a segunda onda europeia parece ser decorrente principalmente de duas cepas do vírus SARS-CoV-2, a 20A.EU1 e a 20A.EU2, das quais a primeira demonstra ser predominante até o momento.

A variante viral 20A.EU1 surgiu na Espanha, durante o início do verão europeu de 2020. Devido à enorme flexibilização adotada durante essa estação, essa variante se propagou por toda a Europa e supõem-se que seja oriunda principalmente do aumento de viagens entre países e da redução das medidas de distanciamento social.

Apesar de ainda não existirem evidências suficientes de que a segunda onda europeia ocorra principalmente devido à nova cepa 20A.EU1, também não é possível afirmar o contrário. O que se sabe é que a sequência do material genético viral da cepa 20A.EU1 difere das sequências ancestrais do SARS-CoV-2 em ao menos 6 posições, incluindo mutações nas regiões que codificam a nucleoproteína e a proteína da espícula (do inglês, spike).

Vale lembrar que o surgimento de mutações é um processo natural e acontece frequentemente durante a replicação viral, momento em que o vírus se copia, e prolifera. A propensão a desenvolver mutações também pode ser acentuada durante a alternância de hospedeiros do SARS-CoV-2, como observado na última semana com os casos de contaminação e transmissão entre visons e humanos, na Dinamarca.

Enquanto os efeitos dessas novas cepas ainda são avaliados no processo pandêmico, devemos recordar e reforçar que estamos aprendendo sobre a doença agora, enquanto vivemos a pandemia. Ainda não conseguimos esclarecer como funciona a imunidade em relação à COVID-19 e também não sabemos a eficácia das vacinas em teste.

Não podemos esquecer também que estamos em um momento de ampliação da flexibilização no Brasil e que não saímos ainda da primeira onda. Independentemente do cansaço físico e mental e da chegada do verão e do período de férias por aqui, usar

máscaras, higienizar as mãos, manter o distanciamento social e continuar a testagem para isolamento dos casos positivos permanecem como as melhores estratégias.

E vale a pena lembrar que a RT-qPCR permanece como principal opção para detecção da doença ativa, mas outras opções de exames também estão disponíveis para detecção do vírus ativo no organismo, como por exemplo, o teste rápido para detecção do antígeno viral.

A escolha do método de análise varia conforme a data de possível contágio e/ou dias de sintomas. Os exames de anticorpos são recomendados para verificar se a pessoa já teve a doença e se continua com anticorpos contra o vírus SARS-CoV-2, apesar de alguns aspectos da imunidade ainda não estarem totalmente esclarecidos.

Precisamos continuar atentos e cautelosos. Que a experiência europeia dessa segunda onda sirva para nossa reflexão e ação.